



Caminhos de Ogum: Florindo as ruas, festejando São Jorge e Ocupando a Cidade

Paths of Ogum: Blooming the streets, celebrating São Jorge and Occupying the City

Ana Paula Alves Ribeiro*

*Antropóloga, Professora Adjunta do Departamento de Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo: “Fica ao meu lado, São Jorge Guerreiro”, assim se inicia a música-oração de Moacyr Luz e Aldir Blanc em homenagem a São Jorge. É também pedindo e agradecendo ao Santo que os fiéis amanhecem na alvorada do dia 23 de abril nas igrejas em toda cidade, não é diferente na Praça da República, localizada na Central do Brasil, próximo ao Saara, conhecido pólo de comércio popular do Rio de Janeiro. Milhares de fiéis passarão na Igreja para pedir graças àquele que é considerado guerreiro, tema de inúmeras músicas, santo sincretizado no Rio de Janeiro (e na umbanda), com o orixá guerreiro Ogum, em dia de feriado na cidade. Personagens habituais vão compondo a festa, que ainda traz pessoas de outros estados e músicos de escolas de samba que tem o santo como patrono/protetor. É na festa que o santo, o orixá e o samba se encontram. É na ocupação das ruas, cantando sambas e pagodes antigos, entre o batuque e as velas acesas, a festa e a oração, que São Jorge e Ogum são cultuados nas ruas do Rio de Janeiro, colorindo os espaços de vermelho e branco.

Palavras-chaves: São Jorge, Religiões afro-brasileiras, Catolicismo, Samba, Rio de Janeiro

Abstract: “Fica ao meu lado, São Jorge Guerreiro” (Stay by my side, São Jorge Guerreiro) is how the prayer music of Moacyr Luz and Aldir Blanc begins in devotion to São Jorge. It is also asking and thanking the Saint that the devoted see the dawn of April 23 in the churches throughout the city. It is no different in the Church that is in Praça da República, located in Central do Brasil, near the Saara, popular shopping center of Rio de Janeiro. Thousands of faithful will come to the Church to ask for thanks to the one who is considered a warrior, the subject of countless songs, syncretized in Rio de Janeiro (and in the Umbanda), with the Orishá warrior Ogum, on a public holiday in the city. Habitual characters compose the party, which still brings people from other states and musicians from samba schools that have the saint as patron / protector. It is at the feast that the saint, the orixá and the samba meet. It is in the occupation of the streets, singing sambas and old pagodas, between the “batuque” and the lit candles, the feast and the prayer, that Saint George and Ogum are worshiped in the streets of Rio de Janeiro, coloring the spaces of red and white.

Keywords: St. George, Afro-Brazilian religions, Catholicism, Samba, Rio de Janeiro



Alvorada

¹ Feriado municipal instituído pela Lei 3.302/2001, de autoria do vereador Jorge Babu.

² Posteriormente a festa de Iemanjá do Mercado de Madureira também acabaria por percorrer os caminhos do subúrbio até sua chegada a Copacabana.

Fica ao meu lado, São Jorge Guerreiro
Com tuas armas, teu perfil obstinado
Me guarda em ti, meu Santo Padroeiro
Me leva ao céu em tua montaria
 Numa visita a lua cheia
 Que é a medalha da Virgem Maria
Do outro lado, São Jorge Guerreiro
Põe tuas armas na medalha enlourada
Te guardo em mim, meu Santo Padroeiro
A quem recorro em horas de agonia
 Tenho a medalha da lua cheia
 Você casado com a Virgem Maria
 O mar e a noite lembram a Bahia
Orgulho e força, marcas do meu guia
 Conto contigo contra os perigos
 Contra o quebranto de uma paixão
 Deus me perdoe essa intimidade:
 Jorge me guarde no coração
Que a malvadeza desse mundo é grande em extensão
 E muita vez tem ar de anjo
 E garras de dragão

Medalha de São Jorge, de Aldir Blanc e Moacyr Luz

“Caminhos de Ogum: Florindo as ruas, festejando São Jorge e Ocupando a Cidade”. Este título se refere as festas de 23 de abril, feriado municipal¹ em que se comemora São Jorge. Santo devoto de sambistas e militares, São Jorge guerreiro é comemorado em todo mês de abril, com alvoradas, feijoadas, missas, procissões, carreatas e cavalgadas, em várias partes da cidade. Encontro as festas de São Jorge no final dos anos 1990, ainda estudante de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Naquele momento, na Iniciação Científica, pesquisava o bairro de Madureira e uma de suas festas mais centrais era a carreata da Escola de Samba Império Serrano em homenagem ao seu santo padroeiro.

Contam os mais velhos que é para Ogum (orixá guerreiro, que tem o poder de abrir caminhos) que toca a bateria da escola. A carreata tem um caminho que percorre parte do subúrbio². Sai do Império Serrano, segue em seus vários ônibus, motos e carros para a igreja de São Jorge no bairro de Quintino, local em que acontece a festa que vai durar uma semana. De lá, após uma parada para entrar na Igreja e benzer os fiéis sambistas, os mesmos seguem até o centro espírita umbandista Caminheiros da Verdade. No caminheiros as paradas são mais longas, pois conta-se com os médiuns que darão passe em quem assim desejar. Neste momento a festa está praticamente pela metade e de Madureira passamos por Quintino (igreja de São Jorge), Caminheiros da Verdade (Pilares) e a próxima parada será o bairro de Ramos, para saudar a escola de samba co-irmã Imperatriz Leopoldinense e sua bateria. No retorno, passamos por Vaz Lobo e chegamos ao Morro da Serrinha, onde geralmente a carreata é recebida com música e comida pelos moradores do morro que viu o Império Serrano nascer, em 1947. Última parada: Madureira e o Império Serrano, onde a carreata começou logo cedo.

Madureira – Quintino – Pilares – Ramos – Vaz Lobo – Madureira.

Uma das maiores festas de São Jorge, esta carreata organizada pelo Império Serrano já acontece há algumas décadas e possibilita, no domingo seguinte ao dia 23 de abril, durante algumas horas, seguir por caminhos profanos e religiosos. Permite conhecermos ainda – de forma não sincretizada – São Jorge e Ogum



³ Fica ao meu lado, São Jorge Guerreiro. Ensaio fotográfico de Cristiano Cardoso e Ana Paula Alves Ribeiro, disponível no site do Museu Afro Digital Rio: <http://www.museuafro.uerj.br/?work=fica-ao-meu-lado-sao-jorge-guerreiro>

como entidades a serem comemoradas no dia 23 de abril. Esta festa, que acontece a cada vez que descemos dos ônibus, acontece mais intensamente dentro dos ônibus onde compartilhamos comidas feitas por nós, geralmente salgados, bolos, cervejas e refrigerantes, muito samba de terreiro e sambas enredos antigos da escola. Conhecemos pessoas, fazemos amizades. Na pesquisa, sempre considerei esta festa a mais acolhedora, simpática e sociável. Em que medida, as festividades de São Jorge no Centro também seriam assim?

Os caminhos até o Centro da Cidade.

Iniciei o texto por Madureira e pelo Império Serrano por motivos afetivos, e por que foi naquela pesquisa que pela primeira vez algumas questões se fizeram presente e aguçaram minha curiosidade no campo das ciências sociais.

O trânsito e a mobilidade entre a fé católica e umbandista, o discurso de recusa ao sincretismo mas que ao mesmo tempo encontra em diferentes canais e no mesmo espaço, Ogum e São Jorge. Também foram as primeiras festas de samba em que fui que ocupavam diversos espaços da cidade, mobilizando grupos e comunidades, e nas quais a religião é a centralidade do encontro. Por exemplo: São Sebastião, padroeiro da cidade e da Escola de Samba Portela, não mobiliza da mesma forma quanto São Jorge, muito mais popular, inclusive.

Ainda pensando em São Jorge, seu dia é marcado por celebrações. Após acompanhar em alguns anos a festa/carreata do

Império Serrano, chego a Alvorada de São Jorge na Praça da República em 2008. O primeiro movimento para transformar a festa em parte de uma pesquisa foi realizado com o colega Cristiano Cardoso em 2011 e está disponível no site do Museu Afro Digital Rio, no formato do ensaio “Fica ao meu lado São Jorge Guerreiro”³. Ainda em 2011, pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UERJ), começamos a acompanhar outras festas de modo mais sistemático, já no âmbito da pesquisa “Festas populares de matriz africana na cidade do Rio de Janeiro: Samba, Carnaval, Iemanjá, São Jorge, entre outros Festivais”.

Gostaria de trazer algumas observações à esta Memória de Pesquisa Visual e apresentar alguns dados, mas primeiro, apresentar o local onde ocorre a nossa festa:



Figura 1 – Mapa do Centro do Rio de Janeiro (parte)

Fonte: Centro Cultural Carioca:

<https://catelliottnorio.files.wordpress.com/2011/04/centro-cultural-carioca-academia2.jpg>



O dia na Igreja de São Jorge se inicia na Alvorada, às 5 da manhã. A igreja se localiza na Praça da República, com entrada pela rua da Alfândega. Com poucas variações, as comemorações se concentram na Avenida Presidente Vargas, é acessível aos serviços de trem, ônibus e metrô.

Em dias de missa, a Praça da República, assim como parte da Avenida Presidente Vargas (na altura do Campo de Santana) ficam tomadas por devotos e vendedores e se difunde no entorno, onde encontraremos pessoas próximas a rua Senhor dos Passos, Buenos aires, Inválidos e Regente Feijó. Em 2016 comemorou-se São Jorge junto aos trilhos da linha 2 do VLT, em obra iniciada em julho do ano anterior, fazendo com que houvesse mudanças na Praça da República e afetando a sua circulação.

O que fotografar estas festas cariocas nos últimos dez anos me permitiu?

Fotografar as transformações das paisagens da cidade. Registrar como afeta determinados grupos. Refletir sobre a religião e os espaços públicos – e o que isso implica – autorizações municipais, mudanças nas logísticas do trânsito, diálogo com os moradores do bairro, com instituições policiais e da área de segurança. Perceber processos de intolerância religiosa. Possibilidade de entender diferentes espaços de sociabilidade da cultura afro-carioca, os processos de devoção e os trânsitos religiosos, tendo a igreja como referência.

O Ensaio

As comemorações em torno de São Jorge atraem fotógrafos e cinegrafistas, encantados pelas histórias e possibilidades estéticas que apresentam os devotos do santo, um dos mais populares. Ao longo dos últimos anos, uma questão que guiou o trabalho foi pensar em como a religiosidade se expressa no meio urbano e se molda aos imponderáveis, as transformações dos traços urbanos, obras e governos. Como procissões, carreatas, saídas, festas de rua, missas campais modificam – num tempo em suspensão – os espaços da cidade. Registrado a festa de São Jorge em anos alternados, percebo que o entorno da igreja mudou. A biblioteca por tanto tempo fechada reabre como Biblioteca Parque Estadual, agora fechada novamente. A Praça da República ganha trilhos. A obra de certa forma modifica a geografia da festa. E a opção aqui é a cidade, as ruas do centro desta cidade – Rio de Janeiro, o entorno, o que acontece no dia da festa e fora da igreja.

Aqui, a orientação é Guy Bellavance

“De perto, ou por baixo, a cidade é, ao contrário, uma situação, ou um conjunto de situações, um lugar conflitual onde se é obrigado a mover-se, a improvisar, para evitar colisões, onde se vive à espreita de sinais e distrações, guiado ou perdido por um conjunto de fatos diversos e publicidades, de personagens ou perfis, de discursos ou lendas”.
(BELLAVANCE, 1997:25)

Movimento, improvisos, colisões, personagens, discursos, lendas. Fotografar religião e fotografar (n)as ruas: dois caminhos que São Jorge/Ogum, desbravadores, propiciam.

O ensaio fotográfico apresentado foi realizado entre os anos de 2012 e 2016. Ele está dividido em duas partes: 1) No entorno do



Campo de Santana, a rua fica em festa (17 fotografias) e 2) Para o santo, o samba (6 fotografias). Selecionei ao todo 23 (vinte e três) fotos, sendo uma parte considerável produzida nas primeiras horas do dia.

Geralmente fotografamos no horário que vai das 9h às 13h. Estas saídas podem ser feitas em dupla, em grupo ou combinadas com nossos estudantes como exercício etnográfico. Em 2012 foi uma saída de campo. Em 2016, registros do último ano, foi uma saída de um grupo menor. As fotos apresentadas são de minha autoria e foram tiradas com uma câmera DSLR (Canon T2i) e dispositivos móveis, alternadamente ipod e um celular android. Ao longo do dia caso esteja com condições técnicas ou viabilidade, acabo por compartilhar algumas fotos pelo aplicativo Instagram, utilizando a ferramenta de georreferenciamento para localização das fotos, ou pelo mecanismo de inserir as fotos em galerias (#saojorge #everydaybrazil #riodejaneiro e etc) via hashtags. Tanto o georreferenciamento quanto as hashtags permitem dialogar com colegas que estejam registrando a festa ou mesmo trocar impressões.

Uma sensação em 2016 era de que as obras tinham atrapalhado a festa ou deixado a mesma mais vazia. Na realidade, o público muda ao longo do dia e por conta das obras a geografia da festa muda e a mesma se dispersa nas ruas onde as obras não chegam. Foi este movimento que tentei dar conta nos anos em que acompanho. Primeiro buscando entender a dinâmica do dia de São

Jorge e ao longo do tempo percebendo quem são os personagens devotos que ocupam a cidade em um feriado municipal.

Por meio da fotografia, identifico os participantes em 3 grupos. O primeiro grupo, o de pesquisadores e fotógrafos invadem nosso campo de visão em muitos momentos. Não é raro fotografá-los e registrar a festa com eles ou encontra-los ao longo do dia. Este primeiro grupo não aparece aqui e mercê um ensaio a parte, de modo a refletirmos sobre a popularidade da festa, os significados das fotografias religiosas, assim como os significados destes registros. O segundo grupo, são o dos vendedores e o terceiro, o dos devotos. Vendedores de flores, fitas, medalhas, camisetas, cangas, chaveiros, comida, adornos, velas. Há vendedores para tudo que possa fazer você rezar, cumprir suas promessas e te proteger.

O grupo de devotos está longe de ser homogêneo, podem ser identificados em sua multiplicidade e se inter cruzam. Pessoas que afluem de todas as partes da cidade para estar nas missas e comemorações no dia de Santo. Pessoas pagando, renovando e fazendo promessas. Católicos e umbandistas. Músicos e integrantes de várias escolas de samba. Nas festas encontro integrantes do Salgueiro, do Estácio, Império Serrano, por exemplo. Neste ensaio temos as baianas da Vai-Vai (Escola de samba do estado de São Paulo). É a estes integrantes das escolas de samba e músicos que a segunda parte do ensaio é dedicada.

Referências



BELLAVANCE, Guy. Mentalidades urbana, mentalidades fotográfica. In.: CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. Rio de Janeiro, Volume 4 – A Cidade em Imagens, 1997.

PITREZ, Maria Cláudia Martinelli de Mello. 23 de abril – Festa de São Jorge - Um estudo sobre a oficialização de um dia santo em feriado municipal na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.



Primeira parte: No entorno do Campo de Santana, as ruas se enchem de festas e orações



Foto 1 – Cravos comercializados no entorno da Igreja



Foto 2 – Na lateral da Igreja, a programação do mês de abril



Foto 3 – Ainda no entorno da igreja, rosas artificiais, orações e fitas para recordação e proteção



Foto 4 – Altar decorado para a missa campal



Foto 5 – São Jorge e a Central do Brasil



Fotos 6 e 7 – Devotos no entorno da Praça da República, com Biblioteca Parque Estadual ao fundo





Fotos 8 e 9 – Devotos no entorno da Igreja de São Jorge



Foto 10 – Praça de República, 2012

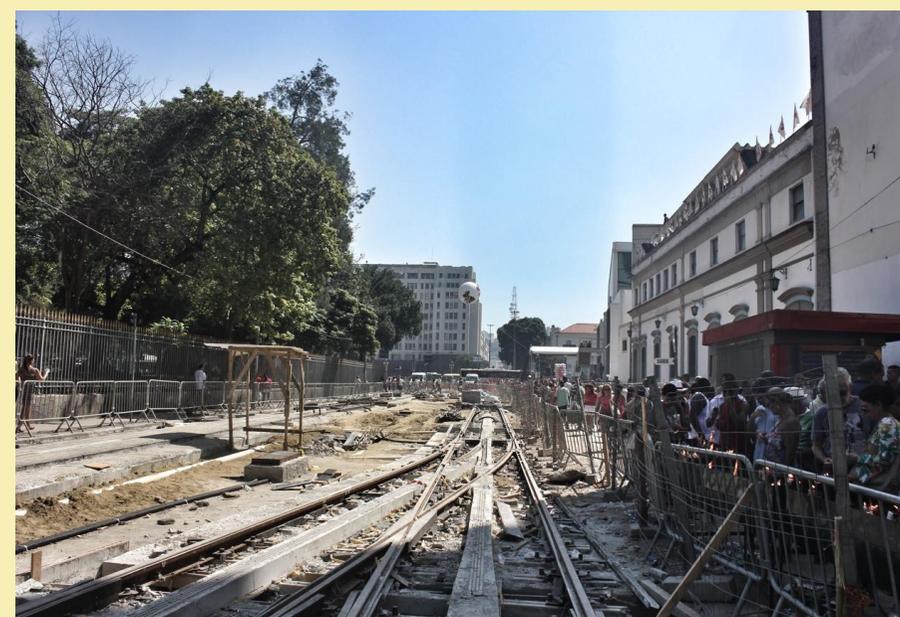


Foto 11 – Praça de República, 2016: Obras para a passagem do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Devotos acendem velas, rezam e fazem fila na lateral das obras para entrar na igreja.



Foto 12 – Presente



Foto 14 – Descanso



Foto 13 – Iyá protegida por São Jorge & São Lázaro



Foto 15 – Seu José



Foto 16 – No entorno da igreja: devoto no primeiro plano e ao fundo, fila para entrar na igreja

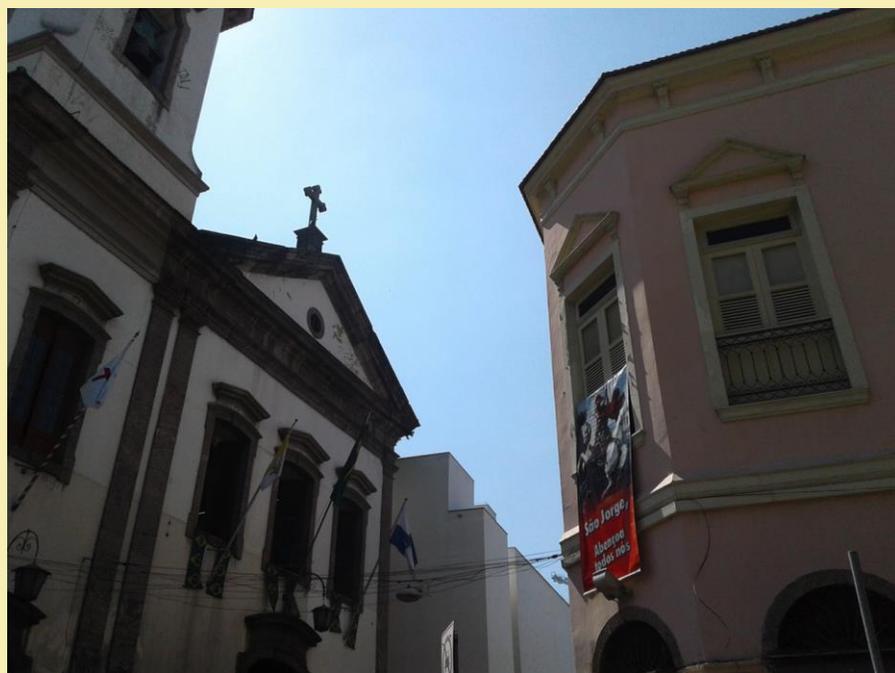


Foto 17 – De 2012 a 2016: São Jorge, Abençoa todos nós



Segunda Parte: Para o santo, o samba



Fotos 18 e 19 – Ala das baianas da Escola de Samba Vai-Vai, de São Paulo



Foto 20 – Carlinhos



Foto 21 – Roda de Samba, na Praça da República entre a rua Senhor dos Passos e Rua Buenos Aires



Fotos 22 e 23 – O Santo e o Samba

